

Entre o sonho e a vigília: o tema da amizade na escrita modernista<sup>1</sup>

Mônica Pimenta Velloso

Ao longo da década de 1920, a correspondência de Mário de Andrade, particularmente aquela direcionada à Prudente de Moraes Netto e Sérgio Buarque de Holanda (embora indiretamente) mas também à Manuel Bandeira e Carlos Drummond de Andrade discute algumas questões, chaves do pensamento modernista à luz da amizade. Nessas cartas, encontramos uma espécie de crônica do movimento modernista, filtrada pelo modo de ver, de sentir e de ser, construindo-se a partir do jogo das subjetividades. Trocando confidências, impressões, idéias e afetos, as cartas entre amigos constroem uma narrativa que põe em evidência a dimensão social da emoção, fundamental para compreensão do movimento modernista brasileiro. A proposta desse texto é a de trabalhar as cartas de amizade como campo de vestígios de uma “memória involuntária”, iluminando novas vias de análise para se pensar a cultura sensível, a partir de uma perspectiva que procura aliar o universo do sonho à reflexão, no processo de construção de uma suposta identidade brasileira.

Através do registro epistolar podemos entrar em contato com outros planos da memória histórica, enfatizando-se a idéia da descontinuidade, da multiplicidade, da simultaneidade e a própria força do instante sobre a duração.

A idéia é trabalhar as cartas de amizade como campo de vestígios de uma “memória involuntária”, iluminando novas vias de análise para se pensar a cultura sensível, a partir de uma perspectiva que procura aliar o universo do sonho ao da reflexão, no processo de construção de uma suposta identidade brasileira. Na perspectiva da história cultural, o gesto epistolar mostra-se denso significados pois é, simultaneamente, livre e codificado, íntimo e público, secreto e voltado para sociabilidade. As cartas, como nenhuma outra expressão, vinculam lugar social e subjetividade. A questão que se coloca, portanto, para o historiador é saber como se dá o problemático equilíbrio entre o denominado “eu íntimo” e os outros. Essas são precisamente algumas das questões que proponho analisar, buscando entender como serão construídos os laços entre o sujeito amoroso e o intelectual, o afeto e a razão e em que ponto se encontram e dialogam as dimensões do sonho e a da vigília.

As cartas trocadas entre os intelectuais modernistas se inscrevem nesse espaço de recriação e reconfiguração da realidade. Mário de Andrade se destaca como um dos intelectuais que mais investiu a sua

---

<sup>1</sup> Esse artigo se insere no projeto de pesquisa “A cidade em revistas: boemia literária e vida cultural no Rio de Janeiro (1900-1930)”, bolsa produtividade do CNPQ

energia participativa no esforço de organizar o grupo em torno de um projeto estético. A “imaginação criadora”<sup>2</sup> é fundamental para essa articulação entre a esfera do sonho, do desejo e a da ação, realização.

Vou me ater ao contexto de 1925-1927. É nesse momento que está ocorrendo a reorientação do movimento modernista brasileiro, em termos do seu diálogo com a ordem mundial. A partir daí, a categoria da mediação torna-se condição indispensável para o ingresso do país na modernidade.<sup>3</sup> Mário de Andrade, destaca-se como intelectual de ponta não só na elaboração dos temas mediadores como também pela sua capacidade de criar laços afetivos e intelectuais através de uma extensa rede epistolar. Por aí circularam idéias e reativaram-se afinidades que deram impulso original ao movimento modernista brasileiro. Cartas funcionam como redes, desencadeando trocas, adesões e sociabilidades. Historicamente sabemos da importância da escrita epistolar, fomentando movimentos intelectuais que mudaram formas de pensamento, de ação e de sensibilidade de uma época. A rede de correspondência, acionada por Freud, constitui-se em dos claros exemplos dessa articulação cultural à nível internacional.

Amizade e sociabilidade formam par inseparável. A amizade estabelece redes de influências, inventa lugares de convivência, laços de resistência, conseguindo, dessa forma, ampliar as oportunidades de encontros e de interações sociais<sup>4</sup>

#### **Amizade: impacto das sensações e trabalho de inteligência**

Nas cartas dirigidas à Prudente de Moraes Netto, a questão da escrita modernista ocupa papel de sensível importância. Mário confidencia ao amigo as sensações difíceis que o atravessam ao longo do processo criativo. São coisas do cotidiano, intimidades que só se dizem em tom de conversa. Reclama da fadiga intelectual; o cansaço dos olhos, das mãos e do corpo que não acompanham a efervescência das idéias na mente:

A mão é que se recusa a escrever. O corpo não quer sentar na cadeira diante da escrivaninha . Os olhos não querem ver a folha de papel . O pensamento, esse anda numa mapiagem desembestada tagarelando que nem fábrica ao meio dia . É engraçado mas justamente quando maior é a fadiga maior parece que é o trabalho da inteligência”<sup>5</sup>

---

<sup>2</sup> O conceito de “imaginação criadora”, de autoria de Gaston Bachelard, é discutido por José Américo da Motta Peçanha: Bachelard: as asas da imaginação. In: Bachelard, Gaston. *O direito de sonhar*. São Paulo, Difel, 1985.

<sup>3</sup> A discussão da mediação no pensamento de Mário de Andrade como categoria que marca a constituição do denominado Segundo tempo modernista é tematizada por MORAES, Eduardo Jardim de. *Modernismo revisitado*. In: *Estudos Histórico*, v.1, n.2, 1988. p 220-238.

<sup>4</sup> Uma reflexão histórica sobre a amizade pode ser encontrada em VINCENT-BUFFAULT, Anne. *Da amizade : uma história do exercício da amizade nos séculos XVIII e XIX*. Rio de Janeiro, Zahar, 1996.

<sup>5</sup> Carta de Mário à Prudente em 18 de fevereiro de 1925., publicada em Koifmann, Georgina

A escrita é trabalho da inteligência, missão árdua a qual Mário se acha incumbido. É, a partir desse papel, que ele busca traçar um esboço do campo intelectual, emitindo opiniões sobre as naturezas diversas da escrita modernista. Em carta dirigida à Prudente, em 3/10/1925, observa que alguns intelectuais são intimistas, inspirando-se mais nas sensações do que propriamente nas causas das sensações. Menciona as poesias de Manuel Bandeira, de Ribeiro Couto e, freqüentemente, alguns dos seus próprios textos. Já em Ronald de Carvalho e Guilherme de Almeida, percebe uma outra escrita, refletindo naturezas que considera bem construídas e complexas, propiciando um “equilíbrio entre as faculdades líricas e construtivas” (op.cit. Koifman, 1985 p 118).

A questão que deslança essas observações de Mário é complexa e de longa duração no debate modernista. O que está em questão é a constituição e o papel da moderna arte brasileira: como deve proceder o intelectual na elaboração dessa arte? De que natureza deve ser a sua escrita? Mário defendia o caráter intencional e reflexivo da obra de arte, discordando quanto as idéias do seu jovem amigo Prudente de Moraes. Esse, juntamente com Sérgio Buarque de Holanda, defendia, apaixonadamente, a necessidade de expandir o experimento no campo artístico, priorizando o impacto das sensações.<sup>6</sup> Nesses termos, enfatizava-se a pesquisa de uma nova linguagem que integrasse livremente ao texto, palavras, imagens e sensações tendo como *leitmotiv* e móvel inspirador a própria força das sensações.<sup>7</sup>

Mário, sem desqualificar as sensações, conferia centralidade ao processo intelectual, do qual buscava extrair a síntese construtiva. São percepções distintas, portanto, na forma de entender a arte e a intervenção do intelectual na vida social. Procurando convencer o amigo, Mário o interpelava

Convido você a meditar muito nisso. Tem sido uma das preocupações grandes de minha vida. A “intenção do poema” constrói muito o poema fechado, o poema circunferência, o poema que tem começo, meio e fim. É mais arte que esse sensacionismo verdadeiramente primitivístico como essência em que toda a gente modernista caiu mais ou menos. Principalmente os cuja criação vai de dentro pra fora, intimistas, os que se preocupam mais com as sensações do que com as causas da sensação.<sup>8</sup>

Em meio aos argumentos em defesa de uma arte intencional, crítica e reflexiva, Mário enfatizava a juventude de Prudente em relação à sua maturidade. Fazia-o ver que o seu papel no campo intelectual era outro, porque marcado pela responsabilidade social. A partir daí, apresentava-se como intelectual que propunha entender a arte como educação, defendendo o projeto de uma “obra-ação” ou da “arte ação”<sup>9</sup>.

---

<sup>6</sup> Um dos motivos que desencadeou essa polêmica foi a crítica feita por Prudente de Moraes Netto ao caráter construtivista e objetivista da obra de Mário de Andrade *A Escrava que não é Isaura*(1925) publicada na revista *Estética* abr/jun 1925. Na crítica, Prudente enfatizava o papel do inconsciente na arte, questionando a necessidade da comunicação tão enfaticamente defendida por Mário. *Estética* (1975:309).

<sup>7</sup> Na revista *Estética* Prudente de Moraes Netto apresenta alguns escritos e poemas inspirados no surrealismo

<sup>8</sup> Carta de Mário à Prudente de Moraes Netto 3/10/1925 Andrade,op.cit. Koifman, p 119, 1985

Era enfático: “não faço arte, ensino” No entanto, Mário criticava a arte transmitida em tom professoral como experiência que se encerrava em si mesma. Já no “Prefácio interessantíssimo” da *Paulicea Desvairada* criticava esse papel atribuído à arte: “Em arte: escola = imbecilidade de muitos para vaidade de poucos”. A reflexão conceitual sobre os fundamentos da arte já se impunha aí sendo o “Prefácio” e “*A escrava que não é Isaura*” consideradas obras capazes de identificar o seu do autor com as bases do construtivismo. Assumindo o papel de comentador da obra de arte, Mário punha em primeiro plano o processo de criação e os pressupostos teóricos e críticos da produção artística (Schwartz, 1995:369).<sup>10</sup>

No campo intelectual, Mário se apresentava como vulgarizador do conhecimento, elegendo a comunicação como a sua grande meta. No entanto, essa questão não era consenso. Em carta de 13 de outubro de 1924, Manuel Bandeira discordava desse papel a que se atribuía Mário. Argumentava que Ronald de Carvalho é que deveria desempenhá-lo. O que estava sendo posto em discussão era a própria organização e, mesmo, hierarquia do campo intelectual. Os diferentes tipos de inteligência propiciariam o exercício de diferentes funções no campo intelectual: criadores da cultura e seus difusores. Manuel Bandeira achava que a brilhante inteligência de Ronald era voltada, primordialmente, para compreender e não para descobrir novas formas e verdades. Quanto à Mário, considerava-o intelectual descobridor e criador<sup>11</sup>, enfim, aquele que deveria tematizar a brasilidade

A discussão sobre a configuração do campo intelectual se alonga em várias cartas.<sup>12</sup> Vamos nos deter, agora, em um ponto que considero extremamente importante: a tematização do nacional. Sabe-se que essa questão não era consenso. A reflexão historiográfica sobre o modernismo brasileiro vem mostrando exaustivamente a questão. Mas o que a linguagem das cartas reforça e, senão mesmo, revela, são as dissensões e clivagens internas de pensamento que apontam para orientações distintas.

O diálogo epistolar entre Mário e Prudente, notadamente no que concerne à polêmica sobre o surrealismo, conforme já observou-se, ocupa lugar estratégico nessa discussão. Razões e sentimentos, pactos de Amizade e pactos epistolares se mesclam aí, possibilitando outros entendimentos sobre a organização da argumentação na escrita modernista.

---

<sup>10</sup> SCHWARTZ, Jorge. *Vanguardas latino-americanas, polêmicas, manifestos e textos críticos*. São Paulo, Edusp/Fapesp, 1995.

<sup>11</sup> Carta de Manuel Bandeira à Mário de Andrade 13/10/1924 (Moraes, 2000:138)

<sup>12</sup> Consultar a propósito as cartas de 15/9/1924, 3/10/1925 In; Moraes (2000)

*Nacionalismo como “ato de amor”*

Nas cartas que Mário dirige à Prudente de Moraes Netto é possível acompanhar o árduo diálogo entre o impulso dos sentimentos e o movimento da razão ordenadora. É claro como a percepção da amizade entra aí elegendo, forjando e organizando as linhas do debate. A idéia de que entre amigos “tudo deve ser dito” funciona como uma espécie de mote inspirador dessa escrita. Expondo à Prudente a sua percepção do nacionalismo, Mário deixava claro o forte envolvimento afetivo que tinha em relação ao projeto. Compreende o nacionalismo e o projeto de uma língua brasileira como uma “manifestação de amor”. Não hesita em expressá-lo na primeira pessoa

(...) este **meu nacionalismo**<sup>13</sup> **não pensem** que é chauvinismo e muito menos regionalismo. É amor humano e único meio de nós brasileiros nos universalizarmos. Por que a maneira como um povo se universaliza é quando concorre com o seu contingente particular e inconfundível pra enriquecer essa coisa sublime, uniforme mas múltipla que é a humanidade.<sup>14</sup>

Mário, ao expor as suas idéias sobre o nacionalismo, pluraliza o interlocutor. A presença de Sérgio Buarque é quase sempre implícita nas cartas que escreve à Prudente. É para eles que Mário expõe as suas idéias, pede compreensão, diz como se sente, compartilhando, enfim, os segredos mais recônditos de sua alma. Confessa que o projeto de criação de uma “língua culta brasileira” o assusta. Sente-se sacrificado, tendo que abandonar experiências em curso e caminhos já conhecidos para empreender a busca solitária. Os amigos se fazem, então, referência necessária:

Para vocês ao menos que são os meus amigos peço uma coisa: não julguem já do que poderei fazer. Isso é começo. Sou que nem criancinha que está principiando a escrever. Não tenho estilo. Balbucio. Me exprimo mal. Levei vinte anos para adquirir um estilo em português. Quantos levarei para ter um estilo em brasileiro? Não sei. Mas comecei e não hei de parar!<sup>15</sup>

Mário compartilha com os jovens amigos os riscos de algo que considera ser uma verdadeira aventura: a criação de uma língua brasileira. Através de cartas constantes, buscava envolver Prudente de Moraes, Sérgio Buarque e Carlos Drummond de Andrade<sup>16</sup>, mobilizando-os para o diálogo. É na proposta de elaboração do projeto de uma língua brasileira que sentimos esse deslize entre a perspectiva do sonho e a vigília. Mário confia o sentimento de incerteza e medo frente ao sonho. Sonho, pois a língua brasileira ainda tomou forma, não se materializou, pertencendo, portanto, ao domínio do inefável e das sombras. Em carta a Carlos Drummond de Andrade, em 18/2/1925, confessa: “estou num país novo e na escuridão completa dum noite” Ao mesmo tempo, Mário enfatiza ao amigo a sua atenção e espírito vigilante, sempre disposto a estabelecer sintonia e sentido com a linha do presente. Afirma não temer tal aventura, pois a experiência histórica estaria ao seu lado: a “aventura em que meti é coisa séria, já muito pensada e

---

grifos são de minha autoria

<sup>14</sup> Carta de 18/2/1925 Koifman, 1985:75

<sup>15</sup> Carta de 18/2/1925, publicada em Koifman (1985: 75)

<sup>16</sup> Carta à Carlos Drummond de Andrade em 18/2/1925, publicada em Koifman (1985: 76).

repensada”<sup>17</sup> Cercando-se da cumplicidade amiga, Mário sentia-se encorajado para investir energias no trabalho intelectual. As cartas desnudam a dimensão das emoções, mostrando as dificuldades, receios e os novos desafios enfrentados pelos intelectuais num momento em que se impunha a sua exposição na esfera pública. O fato remete à um contexto sócio cultural específico: o surgimento de uma esfera pública literária gerando, conseqüentemente, efeitos sensíveis sobre a posição dos homens de letras. Na França, na virada do século XVIII para o XIX, o acontecimento agudizou o sentimento de pertencimento do grupo, estreitando-se os laços de amizade. Contradições, acomodações, fragilidade de posições, choque de individualidades revelavam a relativa flutuação dos códigos de valores (Vincent-Buffault, 1996)

Em linhas gerais, esse é o quadro que ambienta a sociedade brasileira nas primeiras décadas do século XX. O aparecimento da esfera pública literária, a autonomia estética, a emergência de novas fórmulas de civilidade, a publicidade do privado e a “exposição do íntimo” compõem esse novo panorama no qual se movem os homens de letras. O pacto amistoso e o pacto epistolar funcionam aí como poderosos instrumentos aglutinadores da identidade social do grupo, garantindo-lhes sentido.

Mário de Andrade é o grande orquestrador dessa sintonia. Através das cartas modernistas é possível acompanhar a invenção de um “código íntimo” que vai abrindo espaço para a emergência de uma nova sensibilidade. Nela, o indivíduo e a ordem subjetiva assumirão claramente o centro da cena. A instauração dessa nova ordem, no entanto, é complexa, suscitando conflitos íntimos, que levam à jogos de alianças, dramatizações e encenações de toda ordem.

#### *“Razões de você”*

Um dos pontos recorrentes nas cartas de Mário aos amigos literários é a sua firme recusa a fazer o “elogio de camaradagem”. Dizer a verdade, significa ser franco e ser sincero. Aqui ficam claras as injunções do fenômeno social da amizade sobre a própria idéia de verdade. Se anteriormente a verdade era algo que se submetia à prova científica ou jurídica, agora, na cultura da modernidade, ela passa a ser subjetivada, transformando-se em sentimento<sup>18</sup>.

O indivíduo passa a ter centralidade na vida social. O fato tem a ver com a invenção de um “Código da intimidade” que, no contexto cultural brasileiro, tem em Mário um dos seus grandes criadores e articuladores. Há uma carta em que essa discussão vai manifestar-se de maneira particularmente forte: momento em que Mário expõe à Prudente a sua percepção intelectual sobre o surrealismo<sup>19</sup>. A carta é valiosa porque funciona quase como uma conversa, algo que viesse complementar o “não- dito”. Mas vamos à ela. Mário mostra-se

---

<sup>17</sup> Carta a Carlos Drummond In: Koifman( 1985:76-77)

<sup>18</sup> A discussão sobre o fenômeno social da amizade implicando, na virada século XVIII para o XIX, na construção de um código íntimo, centrado na idéia de uma verdade subjetivada está desenvolvida em Vincent-Buffault (1996)

<sup>19</sup> Carta de 25/12/1927 In: koifman, 1985:245.

aborrecido com Prudente pelo fato dele ter achado lacônica a crítica que fizera a um dos seus textos surrealistas, publicado na revista *Verde*(set.1927-jan.1928)

Ao argumentar que não era do seu feitio fazer “elogio de camaradagem”, Mário acaba desvendando alguns pontos importantes para a reflexão sobre a amizade. Achava que a faculdade crítica deveria predominar como instância básica de valor, entendendo-a, mesma quando feita em tom severo, como um “ato de amor”.<sup>20</sup> O sentimento da amizade não deveria encobrir o espírito crítico, gerando o elogio fácil e inverdades. Na sua conversa epistolar com Prudente, é esse o tom da argumentação. Em primeiro lugar, Mário se expande na crítica ao surrealismo, para, em seguida, mostrar a sua compreensão humana frente ao fenômeno. Vou me deter no que considero ser uma das categoria centrais da argumentação de Mário: a categoria da aventura

A eleição dessa não se dá ao acaso. “Aventura” é justamente o título do ensaio que Prudente escrevera para a revista *Verde* e, que considera, conforme já observou-se, não ter sido devidamente comentado pelo amigo. Na crítica que faz ao surrealismo, é visível o esforço de Mário para situar a questão à nível da nacionalidade, desvinculando-a do terreno estritamente pessoal. Entende que a aventura, um dos motores inspiradores da escrita surrealista, não traz nenhuma contribuição expressiva à nacionalidade. Observa que aventuras acabam sendo expressão de tédio e de falta de ação, traduzindo uma atitude de acomodação frente à vida. Mais uma vez, o que está em questão, na reflexão de Mário, é a busca da singularidade de expressão do processo civilizatório brasileiro. Há civilizações antigas e novas e expressões e valores adequados para cada uma delas.

Mário faz restrições aos experimentos no campo da linguagem. Entende que essa “aventura” só se legitima como expressão própria das civilizações fatigadas, aquelas que já acumularam “séculos de tradição organizada” (como a França). O surrealismo seria adequado à França pois o país já conseguira chegar à um “estado de perfeição dogmática” pois todos conseguiriam escrever bem e com desenvoltura. Mário argumenta que esse não é o caso do Brasil. Por isso a necessidade da organização estética deve sobrepor-se à do experimento das sensações. Faz crítica dura e severa sobre a posição do amigo, procurando convencê-lo

Ponha o caso no lugar: imagine um livro todo feito de bemfeitíssimas Aventuras. Pois então você logo não sente a espantosa inatividade e lânguida monotonia que isso seria ? agora note: eu não falei que você estava errado.Minha carta foi uma blague divertida, cheia de simpatia mas confesso , incontestavelmente, um **aviso**. Não foi conselho porque não aconselho nunca, aviso. Avisei para você refletir bem. Mais nada.<sup>21</sup>

Aos amigos não se aconselha, chama-se à reflexão, à razão e, sobretudo, cobra-se deles posição e coerência no campo intelectual. Mais adiante, Mário procura, já num tom mais intimista e confidencial, partilhar suas angústias com o amigo falando do significado de ser intelectual e homem de letras no Brasil daquele momento. Os sentimentos vivenciados são difíceis e dolorosos. Mais uma vez., Mário traz a categoria da aventura para a discussão. Só que, agora, vai localizá-la em um outro registro: a condição de ser intelectual. Mostra-se, então, compreensivo com a inclinação de Prudente em relação ao surrealismo.

---

<sup>20</sup> Esse ponto de vista é defendido ao longo da correspondência de Mário de Andrade com vários intelectuais e artistas brasileiros Em carta endereçada à Tarsila do Amaral , em 16/6/1923, ele reforçaria a perspectiva da necessidade da sinceridade como condição imprescindível da amizade, associada ao exercício da reflexão. .In: AMARAL, Aracy (org). *Correspondência: Mario de Andrade e Tarsila do Amaral*. São Paulo, Edusp/IEB Amaral, Aracy, 2001.

<sup>21</sup> Carta de 25/12/1927 in: Kofman, 1985;249. Os grifos são da autoria de Mário de Andrade.

Explica que o seu fascínio pela escrita surrealista ocorre em função do desânimo e da imensa dificuldade de se empreender uma ação mobilizadora no nosso contexto político cultural. É nesses termos que argumenta

O que acho é que num instante você sarapantado com a ingência dos problemas que realmente existem **pros que se meteram na nossa aventura**, os braços de você caíram no chão sem vontade de trabalhar mais. Isso apenas é o que eu acho. Essa queda de braços, irmãozinho, eu também tenho muito sentido. Depois, que eu hei de fazer? sou mesmo um sujeito desgraçado de feliz, dou risada de mim, atarracho os braços no lugar e vou para adiante. Cada livro é uma aventura nova! Cada livro uma insatisfação nova! Cada livro é um momento que fica já tão lá para trás!.....não faz mal que fique pra trás porque uma coisa só existe na minha obra que me orgulha verdadeiramente: a lógica necessária que ela tem pra comigo em relação a tudo o que é vida minha: meu momento, meu lugar, meu amor.<sup>22</sup>

O projeto da Arte- ação é o horizonte, em direção ao qual Mário constrói toda a sua obra epistolar, procurando mobilizar e envolver, pela linguagem do afeto, o grupo letrado em torno de um projeto estético coletivo. Nessa interlocução, portanto, a amizade tem uma clara função social: assegurar as mediações e alianças necessárias à implementação do projeto. Através das cartas, busca-se diminuir as distâncias, possibilitando a abertura de espaços para um diálogo que se propõe franco, mesmo com o risco de ferir suscetibilidades. O sujeito não desaparece quando se reconhece que ele pode ser o autor da razão e que, por isso mesmo, essa é necessariamente múltipla, diversa e controversa. São as “razões de você” que asseguram o direito à diferença e à divergência de opiniões. A multiplicidade e a fragmentação de eus comparecem nessa articulação do intimismo na cena pública, orquestrada por Mário de Andrade

#### Conclusões

No contexto cultural brasileiro, notadamente entre os anos de 1925- 1927, quando está em curso o processo de criação de uma esfera pública literária, Mário de Andrade apresenta-se como um dos mais sofisticados e conscienciosos elaboradores de um “código da intimidade”. Unindo poéticamente a arte de viver à de pensar, na sua correspondência epistolar, Mário, consegue elaborar idéias que redimensionam a amizade, apresentando-a, primordialmente, como fenômeno social e forma de intervenção na realidade. As cartas demonstram que a amizade não é apenas um sentimento de ordem subjetiva mas, sobretudo, trabalho da inteligência. Não é apenas prazer pessoal mas aprendizado em direção ao coletivo. Falando sobre a influência de Mário de Andrade em sua vida, Prudente de Moraes afirmara que “mesmo nas cartas sinto que o autor influenciou mais do que o amigo”

Abordando temas como verdade, solidão, amor e aventura, Mário consegue emprestar-lhes novos sentidos, articulando-as ao domínio público. Através de uma extensa rede epistolar, traduz, no cotidiano, as idéias que fundamentam o seu projeto estético de arte- ação. A questão da linguagem ocupa lugar central nessa discussão, sendo considerada a mediação estratégica, através da qual, o Brasil deveria apresentar-se no contexto internacional.

A discussão com o seu jovem amigo Prudente de Moraes se insere nesse contexto. Revelam-se aí duas percepções de nacionalidade, oriundas de duas linguagens: a experimental (inconsciente) e a construtivista (razão reflexiva, síntese) Através das cartas podemos perceber que essas vias de pensar o nacional e a brasilidade foram objeto de polemica no pensamento social brasileiro. A análise das cartas, escritas por Prudente de Moraes Netto, constitui-se no próximo desdobramento desse trabalho.

---

<sup>22</sup> Carta de 25/12/1927 in: Kofman, 1985;249. Os grifos são de minha autoria